QUE HISTÓRIA AGUARDA, LÁ EMBAIXO, SEU FIM?

Ensaio sobre fragmento de leitura de

Se um viajante numa noite de inverno, de Italo Calvino

Maria Lúcia de Resende Chaves*

RESUMO:

Este ensaio reflete acerca da estética contemporânea, ressaltando temas como a materialidade do objeto-livro-objeto-de-amor, a leitura, o mundo escrito e o não-escrito, a dissolução da arte e do sujeito, a literatura e o fora da literatura em movimento topológico.

PALAVRAS-CHAVE: *Silêncio, Letra, Espelho, Vazio, Voz.*

O romance começa anunciando um romance que começa. Pára. (Onde procurar um começo, se tudo se faz possível de ser o *um*, que não há?). A narrativa começa antes do livro. A narrativa se espirra, se espira, se espirala, se expira, se expia – no aquém, no além, no entre, no *em* do livro – e do não-livro.

É a página em branco, o quadrado negro... a pua, a letra, a caneta, o papel.

Será branca a escrita por caneta sem tinta?

Que espécie de marcas haverá?

Perguntando-se *o quê* não marca o papel, pergunta-se: onde não está escrito, e o quê?

São doze os entre-capítulos e dez as suspensas estórias.

Os entre-capítulos são fictícios contra-tempos do pseudo fio narrativo do romance que encadeia as dez estórias e se cumpre justo por se quebrar.

* Mestre em Teoria da Literatura, 1996

O fio narrativo se quebra ou se cumpre pelas dez estórias, permeadas pelos doze entre-capítulos, sempre interrompidas por uma questão diferente, sempre explicitada pelos entremeios: a primeira por vir em cadernos repetidos, só se tendo acesso às mesmas páginas, mesmas páginas que não cessam de se escrever; a segunda por gaguejar entre páginas brancas como aquilo que não cessa de não se escrever; a terceira teria ficado inacabada pelo suicídio do autor; a quarta não era um livro, mas um caderno rasgado; a quinta...

Narrador- leva- Leitor a se concentrar na leitura dos doze entre-capítulos não-estórias de conversações com um suposto receptor que o então leitor acaba por incorporar enquanto personagem que se reveste do tecido mesmo, texto, que cria, tanto quanto vê criado. Então:

Narrador recorrendo ao cotidiano de um imaginário leitor o induz a se separar do mundo que, provavelmente, o cerca, para se deixar cercado pelo, literalmente, mundo-universo do livro.

Mundo-livro, livro-mundo, inversos mesmos, impressos em sobre e sub páginas da mesma e outra página de outros e mesmos livros.

Empenha-se, então, em descrever a aventura do leitor na livraria, por ocasião da compra de *Se um viajante numa noite de inverno*: são fogos de barragem, mesas, prateleiras, hectares e hectares, fileiras de muralhas, falanges, infantarias, torres de fortim, emboscadas, cidadela de livros-que-leste-e-que-não-leste, sedutores e ameaçadores.

São livros-que-podes-passar-sem-ler; livros-feitos-para-outros-usos-que-não-a-leitura; livros-já-lidos-sem-que-haja-necessidade-de-abri-los-porque-já-pertencem-à-categoria-do-já-lido-mesmo-antes-de-serem-escritos; livros-que-lerias-voluntariamente-se-tivesses-várias-vidas-para-viver-mas-infelizmente-são-só-estes-os-dias-que-te-restam; livros-que-tens-a-intenção-de-ler-mas-seria-necessário-primeiro-ler-outros; livros-caros-demais-que-pretendes-comprar-quando-baixarem-à-metade-do-preço; livros-idem-acima-quando-saírem-em-edição-de-bolso; livros-que-poderias-pedir-a-alguém-que-te-emprestasse; livros-que-todo-o-mundo-já-leu-e-é-então-como-se-tu-também-os-tivesses-lido; ...livros-que-queres-ter-

a-teu-lado-em-qualquer- circunstância; ...livros-que....livros...

O autor desse romance, bem conhecedor da teoria literária que ficcionaliza, ao mesmo tempo em que escancara os vazios contingentes de todo texto, parece querer ampliá-los até para preenchê-los. Desinventa um tipo de leitor, inventando vários, faz desfalecer a concretude de narrativas possíveis, atentando para possibilidades não realizadas justamente como se pudera realizá-las, buscando sempre o que teria ficado *fora*: da escrita, da página, do texto.

Essa busca soa como desejo do espaço do outro – um espaço outro, desejo do texto do outro – um texto outro, que o leitor produziria a partir do que pelo escritor fora escrito ou não, ou que pela própria escrita tivesse sido, possível fosse conjugar-se o verbo *escrever* sem sujeito: "Poderei alguma vez dizer 'hoje escreveu' como digo 'hoje choveu' ou 'ventou' ?

Se una notte d'inverno un viaggiatore, de Italo Calvino, é um livro sobre o livro.

Um meta-romance?

Um livro sobre o ato de ler, o ato de escrever, a escuta, o pensar, a imagem, a escrita, a impessoalidade da escrita, a oralização do texto, a literatura, os territórios e desterritórios da literatura, a página não escrita, o não escrevível, a página em branco, o além do livro, o livro-mundo, o mundo escrito e o mundo não-escrito, as imposições político-ideológico-institucionais da língua, da literatura, do mercado da literatura...as mistificações do nosso mundo, o vazio, o contemporâneo, o saber de não-saber, a linguagem, os limites da linguagem, a palavra, a letra, a língua sem palavras, o silêncio, a tradução, as línguas mortas e o que há de vivo nelas, o que há de morto nas línguas vivas, relações narrador-personagem-leitor... o leitor como lugar de convergência das tramas do romance, a narratividade, o poder narrativo, as diversas formas de narrativas orientais e ocidentais, limites ciência/magia/ficção; um livro sobre o perdido Pai das histórias, também perdidas.

Afinal, um livro que pode ser pensado como um texto de teoria literária. Um sobre e sob essas múltiplas coisas, pois que é encenação de conceitos, é articulação de teorias na gênese da produção literária, sendo, portanto, o

avesso do que seria uma análise teórica.

É ficcionalização e é pastiche da teoria contemporânea.

Traz (e é trazido por) um narrador dito "pós-moderno" ("pós-moderno"? "pós-utópico"? signocrítico?, mitotanáptico?), que "olha o outro para levá-lo a falar", que "ao dar fala ao outro, acaba também por dar fala a si". (SANTIAGO, 1989:p.43).

O narrador é uma personagem?

O leitor é eu? O narrador é eu?

Quem é a personagem-leitor?

"Il romanzo comincia in una stazione ferroviaria, sbuffa una locomotiva, um silvo de pistão envolve a abertura do capítulo, uma nuvem de fumaça esconde em parte o princípio do primeiro parágrafo..."

Há o silêncio provocado pelos espaços vazios do texto, frases desmanchadas, mudas palavras, e é este silêncio, vindo do interior da linguagem, que embaça os vidros das janelas do bar.

O livro...estação, as páginas...janelas, a sucessão de frases resultando na produção do cenário, não só do romance mas, do mundo, da vida. Essa escrita mimetiza cenas da vida parecendo serem cenas da vida a mimetizar a escrita. A experiência, o sonho, o desejo, o horizonte de vida como sendo a escrita que a vida esculpe no cnao, na pedra, nas páginas do corpo das pessoas, no mar, no fogo, no corpo do livro, nas folhas e troncos das árvores de onde sai o papel, em tudo que existe entre céu e terra, no mundo enquanto tela, página, *screen*, *canvas* abertos. O livro, por muito conter, por muito trazer da bagagem de sua história, perde-se de si mesmo e se transborda atravessando para uma terceira margem onde se desvanecem os limites da distinção entre dentro ou fora, mundo ou livro, verdade, memória, teoria, ciência, magia ou ficção.

Dessa maneira, Italo Calvino parece estar libertando a literatura da "antilingua" (CALVINO), da "impostura da língua" (LLANSOL), da "alienação" (BENJAMIN) e do "fascismo" (BARTHES) da língua, para se escorrer, se expandir pelo

mundo afora, fora do dentro, dentro do fora, reconstruindo o plano da própria língua, que seria então um espaço de consistência, uma topologia, quem sabe até passando por línguas mortas, por línguas por vir ou por uma língua sem palavras, dissipando, assim, seu poder, fazendo história nova, por uma nova estética.

O movimento dessa narrativa de Calvino insiste em querer estar desviando-se de estar descrevendo um fato, um lugar, um personagem, ou mesmo uma emoção, com a nitidez que faria daquela descrição *uma* descrição *determinada*, fixa, parada, como em uma fotografia. O que parece lhe interessar é deixar contornos, localizações tempo-espaço, temperamentos, particularidades, esvanecidos de maneira a deixar caber, quanto possível (na imagem que cria ao de(se)escrever) vários lugares, vários contornos, temperamentos, particularidades.

Essa multiplicidade criada não cessa de abrir, mais e mais o texto ao leitor, e abrir, inclusive, o texto a outros textos. Com a dinâmica desse movimento, a narrativa revela que o que por contingência está sendo dito, o está, justo pelas cinzas das possibilidades não realizadas.

O feito é de ruínas feito.

O que estaria sendo dito se algo não o estivesse sendo?

E o que não, se algo sim?

A narrativa parece nos calar por nos fazer sentir como se fôssemos nós, leitores, a ter escrito e a escrever, como se já tivéssemos escrito o que se está vivendo e como se vivêssemos o que é narrado.

É nossa a voz do livro e é a voz do livro que anima o mundo. O mundo conta o livro em meio a essa massa cinzenta onde se movem as frases.

Frases são fumaça ou sombras.

Livro-mundo, de onde vem a fumaça?

Não é a fumaça a voz, linguagem que descobre-esconde?

Noite chuvosa, rumor, linguagem-bruma..

Cala-nos também a narrativa por trazer num mesmo movimento a ficção e

a análise teórica da ficção. Na estação-livro de páginas-janelas de parágrafos-locomotivas de períodos-cena de frases-nuvens-vapor, são as mesas letras. Como o são as cartas do jogo, o gato, o apito do trem... é o homem letra. O homem é letra que às vezes se chama "eu", às vezes "tu", às vezes "ele". Somos letras nós.

Devido à simultaneidade no narrar possibilidades diversas-(a escrita querendo alcançar o que fica fora da página)- não se tem pintada uma estação antiga deixando de lado uma moderna ou vice-versa. O que se tem são ambas e ainda outras ou quaisquer, como se fora uma cena de filme montada pela superposição de várias em palimpsesto, inaugurando uma estética próxima à estética de obras contemporâneas onde pode-se denotar a coexistência de anteriores, precedentes e sucessoras como se fôra um produto de memória histórica, de futuro e de passado, de uma estética composta justamente pelo esquecimento e lembrança, pelo que se apaga e pelo que faz traço, abarcado pelo que escapa, perdido pelo que se retém.

Estética feita da memória do esquecimento estético.

Nesse sentido, esse livro de Italo Calvino lembra uma instalação plástica, uma *assemblage*, uma pintura, ou tudo a uma só vez, que traz em si os gestos de diferentes estéticas de diferentes épocas ou décadas – ora impressionista, ora figurativa, ora expressionista, abstrata, ora cubista, concretista, op, pop, hiper realista...transvanguarda...Ora um, ora outro, presentes no entanto no mesmo quadro-livro-objeto que, por um deslize de nossos sentidos, não podemos abarcar de uma só vez.

Em "Cibernetica y Fantasma", Calvino aponta para o fato de a linguagem poder chamar algo da literatura para *fora* de si mesma, sendo esse um apelo vindo de fora do labirinto da literatura (CALVINO, 1983). Em *Se una notte...* a narrativa, casa-livro, constrói-se pela dissolução-leitura, pela apocrifia, pela desumanização do autor, pela incorporação leitor-livro-leitor-mundo, livro-leitor.

Transtornado, o leitor-personagem lança, a um só golpe e literalmente, a *fisicalidade* do livro *fora*. Desconsolado pelo que ele-livro não contém, tornado escritor pela ausência, transtornado pelo que a entidade *eles-nós* – livro-leitura-personagem-leitor-narrador não-livro – contém.

Por vazio, o livro é sempre trocado por outro, também vazio. Afirmção da legitimidade de uma lógica do absurdo que, a meu ver, o pensamento contemporâneo faz por revelar fundante de uma estética pós. Densidade do esvanecimento. Híbridez.

Lançar o livro para fora dele mesmo, em movimento oposto e suplementar, tal o que parece se mostrar enquanto o movimento de um pensamento tido como pós-moderno: noção de verdade não passível de ser toda dita, quebra do conceito de história enquanto linear e da História enquanto absoluta, visão de criação a partir do vazio, constituição do ser como não-ser.

Lançar o livro para fora dele mesmo querendo alcançar o que fica fora da escrita, na margem, para além da margem, fora da página. Lançar fora, se percebemos bem, justo por lançar dentro.

Uma idéia de *incorporação* faz parte da literatura teórica e ficcional de Italo Calvino, embora, por isso mesmo, muito mal se possa falar em distinção de gêneros e outras instâncias em sua obra.

Todos os livros um só livro, contidos uns dentro dos outros, descontendo-se a si mesmos.

Retorno, não-eterno, eterno não-retorno do que não se sabe, posto que fim não há; a origem é perdida, a história não se encadeia a não ser remetendo-se a outra história:

..."há motivos que retornam, o texto é tecido dessas idas e vindas destinadas a traduzir as incertezas do tempo." (CALVINO, 1982: p.33).

Vazio, vertigem, silêncios... gritos, sussurros, grunhidos.

Língua a rumorejar linguagem, lógica da criação pelo erosivo, ruína fazedora de estória.

Lógica da multiplicação – pela subtração, pela adição, substituição e divisão.

Rumor, rumor – rumoreja a língua, "interrompo aqui o texto porque desliza para a metáfora". (LLANSOL, 1985:p.32).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. 6.ed. Trad. Leyla Perrone-Mosés. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, 1). Sobre o conceito de história, p.222-234.
- CALVINO, Italo. *Punto y Aparte*. Trad: Ferlosio, G. S. Barcelona: Bruguera, 1983.
- CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad: Salomão, M. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CHAVES, Maria Lúcia de Resende. *Que história aguarda, lá embaixo, sem fim?* Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 1996. 121 p. (Dissertação, Mestrado em Teoria da Literatura).
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho*. Lisboa: Rolim, 1985.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.